

O
CARAPUCEIRO

27 DE JULHO
DE 1833



O CARAPUCEIRO,

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SUPER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novère libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardare nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO. POR J. N. DE MELLO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA.

2.º REBATE CÔTRA OS RESTAURADORES.

Se D. Pedro de Bragança houvesse merecido a estima geral da Nação, se fôra hum Principe, qual devera ser, não se vira certamente na triste necessidade de Abdicar. A Historia não nos diz, que os Numas, os Titos, os Trajanos, os Marcos Aurelios fossem levados a abrir mão do governo; e se Henrique 4.º foi vietima do infame punhal de hum fanático da escola jezuitica, a França, e toda a Europa sentiram, e muito lamentaram a sua morte. Bem podia ser, que huma conjuração parcial no Rio de Janeiro se atrevesse a o Monarca, e a luctua d'armas o obrigasse a largar o Throno: mas se elle tivesse por si o voto da Nação, todas as Provincias festejariam, como festejaram, a nobre Re-

volução de 7 de Abril? Seria a sua Abdicação tão geralmente aplaudida, que nenhuma só Provincia se declarou contra ella? O que prova este regozijo, o que prova este accordo geral, e não que D. Pedro não se incorri na indignação dos Povos Brasileiros? E por que esta indignação? Era D. Pedro hum excellente Monarca, segundo o aprêgoão os restauradores; e todas as Provincias do Imperio exultaram com a sua Abdicação? A este argumento de factos evidentes não sei o que possam oppor os nossos absolutistas.

Sim os Povos bem estavam vendo, e sentindo a parcialidade de D. Pedro pelo partido Lusitano, baptizado com o nome impostor de cõunas do Throno, e do Altar, a cujo, há muito sabe fazer a Tyrãnia para melhor imbau

a credulidade popular. Elles bem estavam prezenciando, ou sabendo a frascaria desse Principe, que sem nenhum pejo vivia de publico, e passeava pelos lugares mais patentes da Côrte com huma mulher cazada, a quem creou Marqueza, levando a immorandade a ponto de fazer alarde da sua devassidão, querendo que a Nação Brasileira (de q' nenhum cazo fazia) reconhecesse Principes legitimamente a seus filhos duas vezes adulterinos. Elles não ignoravam a existencia desse Gabinete secreto, composto da mais proterva gente da facção Luzitana, dos mais decididos inimigos do Brazil, que rodeavam a todo o momento a D. Pedro, e eram os seus unicos concelheiros. Elles bem estavam vendo o immenso cabedal, que se escoava do Brazil em Legações, e outros negocios da *monita secreta*, cujas contas tem sido impossivel legalizar. Elles observavam a despeza enormissima, as vidas sacrificadas na guerra contra Buenos Aires, guerra imprudente, e desastrosa, entretida de pensado pela facção Luzo-absolutista, como para servir de matadouro á brilhante Mocidade do Brazil. Elles viao accollidos, e premiados os Ministros mais venaes, e corruptos, os Militares mais impostores, ou espadachins. Vião hum Principe estouvado, todo entregue a sensualidades, incapaz de prestar 2 minutos de attenção a negocio mais momentaneo, hum Principe, que só se occupava em requêstar moças, e governar cavalos, hum Principe em fim, que nos principios da Independencia atacando a os Brazileiros para que levassem a ferro, e fogo a gente de Portugal; depois que se julgou se-

guro, largou a mascara, passou para os seus, e com a chumbeirada que outr'ora mandava espancar guns Brazileiros natos, cuja braxez d'alma excede a todo o encarecimento, assentou de ser no Brazil hum Authocrata, como o da Russia.

E he este o Principe, sem o qual, diz a récova restauradora, não pôde passar o Brazil? Elle nunca o pôde felicitar, antes o estragou, immoralizou, e perdeu, quando no principio era o idolo dos Brazileiros inexpertos, quando se lhe lançaram nos braços; e virá hoje da Europa, a travez dos horrores da anarquia, e guerra civil, por elle, e pelos seus promovida, virá por meio de huma sanguinolenta restauração, com a espada desembainhada, e sequioso de vinganças pôr a caminho os nossos negocios, corrigir os costumes, conciliar os animos, dar execução ás leis, e promover a felicidade da grande familia Brasileira? Nada disto soube fazer quando amigo, e conseguiu-lo á depois de inimigo rancoroso? Estas verdades só as pôde escurecer a cegueira de hum absolutoista.

Alguns restauradores por mais atilados, e labiosos, como conheçam, que a reentronisação de D. Pedro, promovida á luz da descoberta, he mui agra, e indubitavelmente duvidosa, pertencem a mesma cousa, isto he; introduzilo, como se costumam dizer, com pés de lã. Pregado, e insinuado por toda a parte, que só D. Pedro sera capaz de pôr cobro, e remediar os males, que actualmente pezaõ sobre nós, males, que elles mais que muito exageraõ, e grandemente haõ concorrido para os produzir, e alentar. Que á vista, (dizem os

socarrões) da insondavel desordem, em que se acha o Brazil, o unico meio de salvação he chamar a D. Pedro, supplicando-lhe, que venha, não como Imperador, visto ter abdicado; porém sim como Tutor de seu Augusto Filho, e ser o Regente durante a minoridade deste. Que labia tão deslavada! Assim os Gregos introduziram nos campos de Troya o fatal cavallo de madeira, de cujos flancos sahirão os destruidores d'aquelle Povo inexperto; assim a Rapoza da Fábula vinha trazer a paz ás galinhas, para o que fazia-se mister, que a admittissem no poleiro. Que tal o Regente! Não serve para Imperador: mas he de indispensavel necessidade, que seja Regente!!!

Estas, e outras cavilações não escapão á perspicacia dos homens menos atilados. D. Pedro outra vez no Brazil, ainda que revestido fosse do character de heremita, he hum raio, que despedido das nuvens vem cahir no meio de nós; he o flagello mais terrivel, que nos póde sobrevir, he o bota fogo da guerra civil, he o facto da discordia, e sublevação geral, he pior, que a *Colera morbus*, he a ira de Deos derramada sobre o nascente Imperio da Sancta Cruz. D. Pedro outra vez no Brazil! Direi o que dos Frades dizem alguns maganões (que querem tudo para si) — *Nec mortuus, nec vivus, nec in pariete pictus* — nem morto, nem vivo, nem na parede esculpido. D. Pedro outra vez no Brazil! D. Pedro, escoltado de puças, e columnas dando cabo de todos os Brasileiros livres a titulo de Tutor, e de Regente! Quem só de o imaginar não se tomará de horror? Quem não intolhará em tal aconte-

cimento todas as calamidades, todos os estragos, todas as desgraças, de que hum Povo póde ser victima?

Aquelle mesmo prestigio, que sóe acompanhar a Realeza, tem-se esvaecido para os Brasileiros a respeito de D. Pedro. Os Povos da Corte já se enjoayão de ver apparear a aquelle que, colocado no primeiro degrau da escada social, devera ser o prototypo da gravidade, da modestia, da circunspecção, e decóro. Os Mineiros o virão, não como hum Principe, mas como hum Quixote, rodeado de infames aduladores, e parazytas, tão estonteados, como elle: os Fabianos, que o esperão com enthusiasmo, esmorecerão de todo, quando se lhe apprezentou o Defensor Perpetuo á maneira de hum filho mal educado de certos morgados, que só cuida em descobrir boas moças, e bons cavallos: finalmente digaõ os que frequentarão de perto a D. Pedro, se já virão soldado tarimbeiro tão desembainhado em suas acções, tão torpe, e descomedido em suas palavras: até nas audiencias soltava dictos tão obscenos, que lamão como de pejo a mais despejada prostituta. E que direi da morte da virtuosa Imperatriz? Quem ignora, que desgostos, e maus tractamentos do assumo. Espozo a levarão á sepultura?

Eu não exagero, eu nada digo, que não seja confessado em confiança pelos mais encarnçados absolutistas. Os amigos particulares de D. Pedro orão (e ainda são) a gente mais descavada, e immoral, que havia na Corte, e a maior parte chumbeiros dos mais inimigos do Brasil. Eis aqui o Principe Portuguez, sem o qual não podemos viver; e Principe, que por

suas luzes, e virtudes he o unico, q' nos pôde felicitar! Ah! Provera a os Ceos, que elle fôra hum verdadeiro Monarca: mas neste caso nem se vi- ra em circumstancias de Abdicar, nem o Brazil se preparára para repel- lir a Restauraçã. Nelle se dissipou todo o prestigio, q' torneava o Thro- no do Brazil, podendo-se-lhe applicar o que dizia Lucrecio—*Cupide con- culcatur nimis ante metutum* — Calca- se a os pés com alegria o q' a princi- pio se havia reverenciado, e temido.

Tal era o desgoverno de D. Pedro, tal a sua incapacidade, o seu estou- vamento, taes as suas extravagancias, que foraõ de sobejo para desgosta- da Monarchia, se os Brasileiros, mais bem avisados, e prudentes naõ co- nhecessem a necessidade de a manter na Pessoa de Seu Augusto Filho. Em verdade D. Pedro de Bragança, já por si, já pelos sycofantas, que ainda hoje o rodeaõ, foi o principal atica- dor do partido Republicano; por q' a este para ganhar prozelytos basta- va-lhe apontar para a devassidad do Principe, e de seus validos; que bem diz Plutarco, supposto que a outro prozite — que primario author das conspirações. naõ he aquelle que as trama, se naõ o que lhes dá azo, e as venes as faz indispensaveis. —

Corajosos Pernambucanos, vós, a quem o mesmo D. Pedro outr'ora (quando carecia prear-vos) chamou Campeões da Liberdade Brasileira, fazei-lhe voz, que assim sois, se in- suflado pelas rurias do Averno, se illudido por el umbeiros escravos, e orgulhosos Aristocratas mascavados ousar invadir-nos para assenhorear se d' Throno, que por incapacidade abdicou. Morramos todos, se preci-

zo for; nossos filhos nos vingaráõ; mas naõ curvemos o collo ante o Ido- lo, e chefe do partido Luzo-ab-olu- tista. Reparai, ó Pernambucanos, para a sympathia, que há entre a mór parte dos filhos de Portugal, e a escoria brasileira, que suspira por D. Pedro: isto he pedra de toque, e he quanto basta. Morramos com as armas nas maõs: sobre os nossos os- sos assente unito embora o Bragança o seu throno melancolico, e inquie- to; beba a lōgos sorvos o sãgue Brasi- lro; seja senhor de cadaveres, de cin- zas, e ruinas; mas senhor dos Per- nambucanos, senhor dos Brasileiros, nunca: sacie a brutal concupiscencia, que o devora, e a os seus Janizaros nas frias reliquias de vossas meigas esposas, de vossas mimosas filhas; diga-se embora, *aqui foi o Brazil*, mas nunca nos sujeitemos a o vergo- nhoso jugo do Luzitano D. Pedro.

Eu sei, que naõ faltaõ egoistas, q' em sua indolente apathia julgaõ es- capar á proscripção geral: e taõ es- tultos saõ, segundo a bella expres- saõ de Cicero a Attico, que esperaõ ver salvos os seus ricos bens ape- zar da ruina da Patria — *Ita stulti sunt, ut amissa Republica, piscinas suas salvas fore videantur* — Naõ, Pernambucanos, naõ sejamos indif- ferentes a taõ horriv is males. D. Pe- dro conta com os seus Luzitanos, com aquelles dos nascidos no Brazil, que se naõ correm de fazer causa co- mum com os nossos implacaveis ini- migos. Preparemo-nos para a luta; sustentemos a brilhante, e heroica Revoluçã de 7 de Abril — *Redire sic nefas*: tornar atraz he hum crime.